

## *TÍMIDOS OU INDISCIPLINADOS?*



*Lúcio Oliveira*

**A** coleção *Percepções da Diferença. Negros e brancos na escola* é destinada a professores da educação infantil e do ensino fundamental. Seu intuito é discutir de maneira direta e com profundidade alguns temas que constituem verdadeiros dilemas para professores diante das discriminações sofridas por crianças negras de diferentes idades em seu cotidiano nas escolas.

*Diferenciar é uma característica de todos os animais. Também é uma característica humana muito forte e muito importante entre as crianças, mesmo quando são bem pequenas, na idade em que freqüentam creches e pré-escolas e começam a conviver com outras observando que não são todas iguais.*

*Mas como lidar com o exercício humano de diferenciar sem que ele se torne discriminatório? O que fazer quando as crianças se dão conta da diferença entre a cor e a textura dos cabelos, os traços dos rostos, a cor da pele? Como evitar que esse processo se transforme em algo negativo e excludente? Como sugerir que as crianças brinquem com as diferenças no lugar de brigarem em função delas?*

*Os 10 volumes que compõem a coleção *Percepções da Diferença* chamam a atenção para momentos em que a diferenciação ocorre, quando se torna discriminatória, e sugerem formas para lidar com esses atos de modo a colaborar para que a auto-estima e o respeito entre crianças sejam construídos.*

*Os autores discutem conceitos e questionam preconceitos. Fazem sugestões de como explorar as diferenças de maneira positiva, por meio de brincadeiras e histórias, e de leituras que possam auxiliá-los a aprofundar a reflexão sobre os temas, caso desejem fazê-lo.*

*Para compor a coleção convidamos especialistas e educadores de diferentes áreas. Cada volume reflete o ponto de vista do autor ou da autora de modo a assegurar a diversidade de pensamentos e abordagens sobre os assuntos tratados.*

*Desejamos que a leitura seja prazerosa e instrutiva.*

*Gislene Santos*

COLEÇÃO PERCEPÇÕES DA DIFERENÇA.  
NEGROS E BRANCOS NA ESCOLA

VOLUME 7

# TÍMIDOS OU INDISCIPLINADOS?

*Agradeço a colaboração imprescindível de  
Zenilda Santos, Patrícia Carvalho,  
Marília Soares e Ivan Faria.*

**Presidente da República**

Luiz Inácio Lula da Silva

**Ministro da Educação**

Fernando Haddad

**Secretário-Executivo**

José Henrique Paim Fernandes

**Secretário de Educação Continuada,  
Alfabetização e Diversidade**

André Luiz Figueiredo Lázaro

**COLEÇÃO PERCEPÇÕES DA DIFERENÇA.  
NEGROS E BRANCOS NA ESCOLA.**

**Apoio:**

Ministério da Educação - Secretaria de Educação  
Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD)  
Programa UNIAFRO.

**Realização:**

NEINB - Núcleo de Apoio à Pesquisas em  
Estudos Interdisciplinares sobre o Negro Brasileiro,  
da Universidade de São Paulo - USP.  
Coordenação da coleção: Gislene Aparecida dos Santos  
Projeto gráfico: Jorge Kawasaki  
Pinturas das capas: Zulmira Gomes Leite  
Ilustrações: Marcelo d'Saete  
Editoração: Nove&Dez Criação e Arte  
Revisão: Lara Milani

ISBN 978-85-296-0082-6 (Obra completa)

ISBN 978-85-296-0089-5 (Volume 7)

Impresso no Brasil

2007

## *Sumário*

---

|   |    |
|---|----|
| Introdução .....  | 11 |
| A persistência do dilema das desigualdades raciais.....   | 12 |
| A raça perpassando o cotidiano. A escola não fica intocada .....  | 15 |
| No início, as diferenças: os riscos de um sofrimento<br>psíquico desnecessário para a população negra na escola ..... | 18 |
| Racismo introduzido .....   | 21 |
| Crianças lúcidas, crianças pensantes. Crianças tímidas,<br>crianças indisciplinadas .....                             | 23 |
| Professores e crianças: sob o silêncio e para além da disciplina .....  | 29 |
| Na diferença, quem é diferente? .....   | 32 |
| Falando sobre racismo: adultos e crianças na mesma ciranda .....  | 34 |
| Ignorar a discriminação racial na escola<br>é aumentar sua força e impacto.....                                       | 40 |
| Referências bibliográficas .....  | 44 |
| Glossário da coleção .....  | 48 |

## PLANO DA OBRA

A coleção *Percepções da Diferença. Negros e brancos na escola* é composta pelos seguintes volumes:

### **1 - Percepções da diferença.** Autora: Gislene Aparecida dos Santos

Neste volume são discutidos aspectos teóricos gerais sobre a forma como percebemos o outro. Para além de todas as diretrizes pedagógicas, lidar com as diferenças implica uma predisposição interna para repensarmos nossos valores e possíveis preconceitos. Implica o desejo de refletir sobre a especificidade das relações entre brancos e negros e sobre as dificuldades que podem marcar essa aproximação. Por isso é importante saber como, ao longo da história, construiu-se a ideologia de que ser diferente pode ser igual a ser inferior.

### **2 - Maternagem. Quando o bebê pelo colo.** Autoras: Maria Aparecida Miranda e Marilza de Souza Martins

Este volume discute o conceito de maternagem e mostra sua importância para a construção da identidade positiva dos bebês e das crianças negras. Esse processo, iniciado na família, continua na escola por meio da forma como professores e educadores da educação infantil tratam as crianças negras, oferecendo-lhes carinho e atenção.

### **3 - Moreninho, neguinho, pretinho.** Autor: Luiz Silva - Cuti

Este volume mostra como os nomes são importantes e fundamentais no processo de construção e de apropriação da identidade de cada um. Discute como as alcunhas e os xingamentos são tentativas de desconstrução/desqualificação do outro, e apresenta as razões pelas quais os professores devem “decorar” os nomes de seus alunos.

### **4 - Cabelo bom. Cabelo ruim.** Autora: Rosângela Malachias

Muitas vezes, no cotidiano escolar, as crianças negras são discriminadas negativamente por causa de seu cabelo. Chamamentos pejorativos como “cabeça fuá”, “cabelo pixaim”, “carapinha” são naturalmente proferidos pelos próprios educadores, que também assimilaram estereótipos relativos à beleza. Neste volume discute-se a estética negra, principalmente no que se refere ao cabelo e às formas como os professores podem descobrir e assumir a diversidade étnico-cultural das crianças brasileiras.

### **5 - Professora, não quero brincar com aquela negrinha!** Autoras: Roseli Figueiredo Martins e Maria Letícia Puglisi Munhoz

Este volume trata das maneiras como os professores podem lidar com o preconceito das crianças que se isolam e se afastam das outras por causa da cor/raça.

### **6 - Por que riem da África?** Autora: Dilma Melo Silva

Muitas vezes crianças bem pequenas já demonstram preconceito em relação

a tudo que é associado à África: música, literatura, ciência, indumentária, culinária, arte... culturas. Neste volume discute-se o que pode haver de preconceituoso em ler desses conteúdos. Apresentam-se ainda elementos que permitem uma nova abordagem do tema artes e africanidades em sala de aula.

### **7 - Tímidos ou indisciplinados?** Autor: Lúcio Oliveira

Alguns professores estabelecem uma verdadeira díade no que diz respeito à forma como enxergam seus alunos negros. Ora os consideram tímidos demais, ora indisciplinados demais. Neste volume discute-se o que há por trás da suposta timidez e da pretensa indisciplinada das crianças negras.

**8 - Professora, existem santos negros?** Histórias de identidade religiosa negra. Autora: Antonia Aparecida Quintão

Neste volume se discutem aspectos do universo religioso dos africanos da diáspora mostrando a forma como a religião negra, transportada para a América, foi reconstituída de modo a estabelecer conexões entre a identidade negra de origem e a sociedade à qual esse povo deveria se adaptar. São apresentadas as formas como a população negra incorporou os padrões do catolicismo à sua cultura e como, por meio deles, construiu estratégias de resistência, de sobrevivência e de manifestação de sua religiosidade.

### **9 - Brincando e ouvindo histórias.** Autora: Sandra Santos

Este volume apresenta sugestões de atividades, brincadeiras e histórias que podem ser narradas às crianças da educação infantil e também aspectos da História da diáspora africana em território brasileiro, numa visão diferente da abordagem realizada pelos livros didáticos tradicionais. Mostra o quanto de contribuição africana existe em cada gesto da população nacional (descendentes de quaisquer povos que habitam e colaboraram para a construção deste país multiétnico), com exemplos de ações, pensamentos, formas de agir e de observar o mundo. Serve não só a educadores no ambiente escolar, mas também ao lazer doméstico, no auxílio de pais e familiares interessados em ampliar conhecimentos e tornar mais natural as reações das crianças que começam a perceber a sociedade e seu papel dentro dela.

### **10 - Eles têm a cara preta.** Vários autores

Este exemplar apresenta práticas de ensino que foram compartilhadas com aproximadamente 300 professores, gestores e agentes escolares da rede municipal de educação infantil da cidade de São Paulo. Trata-se da Formação de Professores intitulada Negras imagens. Educação, mídia e arte: alternativas à implementação da Lei 10.639/03, elaborada e coordenada por pesquisadoras do NEINB/USP simultânea e complementarmente ao projeto Percepções da Diferença Negras e brancos na escola.

## **O autor:**

*Lúcio Oliveira nasceu em Salvador-BA, graduou-se em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia em 1999. Profissionalmente, a partir de 2001 passou a dedicar-se à Psicologia Social, trabalhando em projetos de ONG, trabalhos interdisciplinares na área de educação e como psicólogo autônomo. Desde 2003 dedica-se também ao estudo e trabalho na intersecção da Psicologia e das relações raciais. Em 2006 passa a integrar a equipe do Instituto AMMA Psique e Negritude (SP) no Projeto Trabalho Doméstico Cidadão (INSPIR/MTE/SEPPIR). Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia em 2007. Coordena o grupo de trabalho Psicologia e Relações Raciais da Comissão de Direitos Humanos do Conselho Regional de Psicologia – 03 (BA/SE).*

### **Projeto gráfico:** Jorge Kawasaki

*Diretor de Arte e designer gráfico, iniciou a carreira em 1974, trabalhou em empresas como Editora Abril e Editora Globo. Criou e produziu vários projetos como colaborador na Young&Rubican, Salles, H2R MKT, Editora K.K. Shizen Hosoku Gakkai (Tôquio, Japão), entre outras.*

### **Pinturas das capas:** Zulmira Gomes Leite

*Teóloga, Artista Plástica, Acadêmica da Academia de Letras, Ciências e Artes da Associação dos Funcionários Públicos do Estado de São Paulo. Assina as Obras de Artes como Zul+.*

### **Ilustrações internas:** Marcelo d'Salete

*É ilustrador e desenhista / roteirista de histórias em quadrinhos. Ele mora em São Paulo, capital, estudou comunicação visual, é graduado em artes plásticas e atualmente mestrando em História da Arte. Seu tema de estudo é arte afro-brasileira. Ilustrou os livros infantis Ai de tí, Tietê de Rogério Andrade Barbosa; Duas Casas, de Claudia Dragonetti; entre outros. Participou da Exposição Conseqüências do Injuve, Espanha, 2002; da Exposição de originais da revista Front no FIQ, MG, 2003; e da Exposição Ilustrando em Revista, Editora Abril, 2005. Foi finalista do Concurso Folha de Ilustração 2006.*

Lúcio Oliveira

VOLUME 7

**TÍMIDOS  
OU  
INDISCIPLINADOS?**

**Por que são tão tímidos?  
Por que são tão indisciplinados?**

COLEÇÃO PERCEPÇÕES DA DIFERENÇA.  
NEGROS E BRANCOS NA ESCOLA

Organização  
Gislene Aparecida dos Santos

1ª edição  
São Paulo  
Ministério da Educação  
2007



## INTRODUÇÃO

*“O currículo escolar é um lugar de circulação de narrativas, mas, sobretudo, é um lugar privilegiado dos processos de subjetivação. Da socialização dirigida, controlada.” (Costa)*

No Brasil, insiste-se em acreditar em um cotidiano desracializado. Somos inculcados a enxergar a realidade através de uma espécie de névoa que nos confunde. Porém o dia-a-dia nos coloca diante dos dilemas e pressões que implicam pensar o pertencimento racial.

Estudos do campo das relações raciais demonstram o impacto das vicissitudes de ser negro em nossa sociedade. Na vida escolar não seria diferente. No ano de 1995 o quesito cor foi introduzido no Sistema de Avaliação do Ensino Básico (Saeb). Essa avaliação da educação básica é realizada a cada dois anos, desde 1993, a fim de obter uma mensuração direta do desempenho escolar. A partir de coletas de dados como essa, foi possível verificar que crianças e jovens negros têm seu desempenho escolar prejudicado de forma específica, diferente da que pode ocorrer com crianças e jovens brancos, já que foi demonstrado que o fator racial afeta a proficiência escolar de modo independente de outros fatores.

Por isso, é plausível que os fatores que levam a esse prejuízo sejam considerados separadamente se investigarmos sua presença em processos vivenciados de forma singular por crianças e jovens negros, tais como o preconceito e a discriminação racial (Abramoway e Castro, 2007).

Nesse quadro, a criança negra pode estar numa situação completamente desfavorável, pois além de encarar a tarefa da escolarização, que por si só já traz desafios para todas as crianças, ainda terá o adicional de enfrentar os problemas em torno da aceitação/rejeição da sua identidade racial em seu corpo, em seu pensamento.

É interessante pensar e observar, numa espécie de reversão, a trajetória escolar das crianças e jovens negros e interrogar, em perspectiva comparada, se a trajetória seria similar à vivida por crianças e jovens brancos. Seria?

Por isso, neste volume da coleção “Percepções da diferença”, o objetivo é discutir o que estaria por trás do comportamento tímido ou indisciplinado de crianças negras na escola, que muitas vezes são vistas persistentemente

através dessas duas lentes. Ou seja, através da timidez ou da indisciplina.

Faremos um percurso que, como já se pôde verificar, propõe uma reflexão sobre a temática racial em nosso país, a manifestação das tensões raciais existentes no plano social e individual que perpassam as relações humanas que ocorrem na escola e na sala de aula.

Ao focalizar o que estaria por trás do comportamento tímido ou indisciplinado de crianças negras, não estamos desconsiderando que essa vivência também possa ocorrer com crianças de qualquer raça/etnia, uma vez que sua manifestação está ligada ao impacto que as experiências vivenciadas pela criança exercem em suas atitudes. Mas queremos discutir em que medida esse comportamento, quando atribuído a crianças negras, pode envolver fatores de discriminação e preconceito.

Sendo assim, iniciaremos o nosso diálogo com questões que já podem ter respostas no íntimo de cada um: *poderia o desconforto com a própria condição racial estar por trás da timidez e da indisciplina observadas em crianças negras nas salas de aula da educação infantil, do ensino fundamental? Quais as causas desse desconforto? Como se daria isso? O professor ou a professora podem refletir também sobre a quase ausência de crianças brancas que demonstram desconforto com sua própria condição racial. Por que elas não são atingidas em sua auto-estima e respeito próprio por essa via? Por que, mesmo onde são minoria, questões pessoais referentes à raça/cor geralmente não são problemas para as crianças brancas?*

## **A PERSISTÊNCIA DO DILEMA DAS DESIGUALDADES RACIAIS**

A idéia biológica de raça há muito foi contestada e vem sendo combatida. No entanto, isso não foi suficiente para abolir entre nós o preconceito e a discriminação racial. O construto social de raça mostra-se bastante operante.

No campo biológico-genético, o fenótipo (cor da pele e dos olhos, textura do cabelo, formato do nariz e do crânio etc.) não configura a existência de diferentes raças humanas, pois a espécie humana se constituiu numa unidade.

Os estudos científicos desautorizam o emprego biológico do termo.

No entanto, na medida em que as diferenças físicas produzem relações de hierarquia entre os indivíduos, verifica-se a confirmação social da idéia de raça, mesmo sendo inválida biologicamente. O termo permanece empregado em dois contextos básicos, na depreciação/hierarquização de grupos racializados (racismo) e no estabelecimento de senso de coletividade de segmentos discriminados em busca da garantia de sua integridade (anti-racismo).

A “lógica racial” baseada em duas raças (birracial), negra e branca, já opera em nossa cultura há muito tempo, convivendo com o celebrado mito da democracia racial, construção imaginária acerca da existência de um harmonioso convívio entre os grupos racializados, e com a mestiçagem enquanto resultado de uma predisposição dos portugueses para a mistura étnica.

Raramente se faz a observação de que as raízes da tensão racial se fazem presentes pela atualização da nossa “cultura da miscigenação”, que não possui elementos igualitários, tampouco contribuiu para sequer amenizar desigualdades raciais, muito pelo contrário.

*No cotidiano brasileiro, ainda que venham ocorrendo as desconstruções dessas idéias, prevalece a propagada formação do nosso povo como mistura de índio, branco e negro. Porém, o componente europeu representado pelo branco é tratado separadamente da mistura cultural, sendo descrito como se, ao longo da nossa história, fosse o maior e mais importante. Talvez por isso não haja um movimento branco que reivindique as raízes brancas do nosso povo, assim como temos para os movimentos negros, os quais possuem base numa cultura étnico-racial e também contemplam o aspecto político (Nascimento, 2003).*

O nosso país sempre buscou caracterizar-se pelo seu lado europeu e ocidental, ficando a porção africana relacionada à história da escravidão e suas conseqüências. Isso foi algo danoso para toda a população afro-descendente, pois deixou relegada ao esquecimento, quase apagada, a idéia de povos africanos soberanos, presentes na história da civilização humana. Mesmo o Egito, apesar de sua localização geográfica no continente africano, foi “desafricanizado” e, mais do que isso, embranquecido.

Fomos educados tendo países europeus como berços soberanos da

nossa civilização, e essa história nos foi contada e recontada ao longo de nossa trajetória escolar.

Historicamente, na seara das ciências, o momento em que a suposta inferioridade do negro foi deslocada do seu corpo, da constituição físico-mental, para localizá-la num plano de natureza psicológica, uma mudança na direção das reverberações da suposta inferioridade também ocorreu.

Sob esse novo prisma, os negros sofreriam de um complexo de inferioridade, cujo sintoma é tentar a todo custo, tendo em vista a ascensão social, afastar-se de suas origens, revelando o seu desejo de se branquear.

*O sociólogo baiano Guerreiro Ramos, homem combativo e vanguardista, denunciou as produções de cunho socioantropológico produzidas até os anos 50 do século passado que tratavam o negro como assunto de especialistas, fechando os olhos para um negro vivo, ativo, que, ainda que em número reduzido, já se inseria em diversas camadas sociais da população brasileira, com isso dando prova da falácia acerca da sua incapacidade cognitiva postulada por alguns cientistas da época (Ramos, 1957).*

Após pouco mais de um século da abolição da escravidão, ainda vivenciamos, guardadas as devidas diferenças, um alarmante cenário de desigualdade racial entre as populações branca e negra no Brasil.

Perguntar como a casa-grande e a senzala, equivocadamente colocadas como extintas, permanecem entre nós em versões atuais e maquiadas é uma alusiva e significativa pergunta, pois recobra, chamando à atenção, o imaginário da falsa democracia racial que impera entre nós.

Considerar a nossa sociedade como menos preconceituosa do que as de “lógica racial” anglo-saxã, como a norte-americana, por exemplo, leva a pensar que seria o nosso racismo, uma vez já batizado de *racismo cordial*, um racismo que merece ser diferenciado por sua brandura? Ou será que, justamente pela cordialidade, seria mais sofisticado e perverso?

A partir da constatação da persistência da discriminação racial entre nós, conclui-se que as nossas bases de sustentação para princípios iguali-

tários são inconsistentes. O mesmo vale para a retórica do discurso de que somos todos iguais. Nem mesmo o admitido sentimento igualitário entre nós parece existir, a despeito do que prega o mito da democracia racial. E para focalizar os efeitos psicossociais que podem resultar de tal cenário, podemos ir um pouco mais além e pensar no grande gasto de energia psíquica exigido de todos os indivíduos para sustentar essa trama.

## **A RAÇA PERPASSANDO O COTIDIANO. A ESCOLA NÃO FICA INTOCADA**

O processo de formação de nossas identidades necessariamente tem a ver com a alteridade. Considera-se que o outro seja referência para a minha formação e vice-versa. E quando isto não acontece? O que ocorre?

A marca racial é uma constante na vida do negro. Contudo o mesmo não ocorre com as pessoas brancas, para as quais a cor não é vivida como marca, mas torna-se invisível como se não existisse, não é nomeada, mas continua interferindo como fator de diferenciação na medida em que se pode observar que os brancos ocupam espaços de poder e a eles é atribuído o padrão da suposta “normalidade” que todos deveriam almejar. Não se pode pensar o branco sem o negro e o negro sem o branco. A construção de si mesmo e do outro é indissociável (Arruda, 2002).

Por isso, é importante termos em mente a raça como processo, não como uma entidade delimitada que teria sua prova e contraprova na cor da pele. A raça está em várias dimensões de nossa vida: histórica, política e pessoal.

Em se tratando da dimensão racial, as pessoas brancas estariam postas como se fossem “humanos genéricos”. Ser branco não se define em termos de uma coletividade, de padrões culturais do seu grupo, como se faz para os negros. Esta é uma característica marcante que diferencia a experiência de vida de negros e brancos.

A discriminação do negro nos livros didáticos através de sua sub-representação, de sua reiterada associação com um status socioeconômico baixo, guarda relação com as formas silenciosas que a cor/raça branca assume e se faz valorizar em diversos espaços, inclusive nos livros didáticos.

Uma criança branca se vê espelhada pelas imagens, cercada de materiais didáticos que a colocam como ser humano padrão; o negro, não. O

negro quase sempre aparece como padrão daquilo que não se deve ser ou praticar. Como uma imagem negativa.

Sendo assim, é necessário considerar a importância de mostrar a população negra em papéis e situações positivas, o seu protagonismo na formação da nossa nação e na história da civilização humana, bem como utilizar esse fio condutor para introduzir no cotidiano de sala de aula esses valores e referências de forma positiva.

Essa tarefa deve ser auxiliada por momentos e atividades que permitam a reflexão em sala de aula sobre o porquê de a condição racial do branco não necessitar de pronunciamento nem de afirmação. Por que não é necessário se afirmar branco? Isso é importante para fazer ver outros fatores que sustentam o preconceito e a discriminação racial contra os negros.

As crianças brancas não necessitam lidar com sua identidade racial, não precisam se fazer aceitar ou lidar com a rejeição em termos raciais, nunca são interpeladas racialmente. Será que em função disso elas terão uma espécie de conforto se comparadas às crianças negras, que terão de viver esse desafio desde cedo?

Quando uma criança negra é discriminada em sala de aula, mesmo havendo consciência de que essa experiência poderá trazer conseqüências negativas para ela, ainda é bastante raro pensar no tipo de estrutura psicológica que está se desenvolvendo na criança que discrimina. Isso provavelmente tem relação com um enfoque unilateral que somente vê as vicissitudes do sujeito negro e suas angústias e reitera a discriminação racial como uma questão a ser observada, cuidada e combatida pelos próprios negros.

Em princípio, a criança bem pequena não traz consigo a idéia de ser negra ou branca, ou do seu pertencimento a qualquer outro grupo racial-étnico. Quando ela passa a se perceber e a se reconhecer nesses termos, é porque esse elemento já está sendo forjado na sua identidade.

Por si só, esse processo não deveria ser negativo ou positivo, mais ou menos difícil ou fácil para uns do que para outros. Mas existem entre nós condições históricas que interferem nesse processo. E na sociedade brasileira, geralmente, as negras e os negros são conscientizados de sua racialidade de maneira árdua.

Tal constituição e desenvolvimento da identidade seguirão um curso atribulado. A partir da convivência em instituições (escola, família) e com outras

peessoas, a criança negra muito dificilmente não se debaterá com algum repertório preconceituoso ou discriminatório que desperte sua atenção para sua condição racial sem ter o desafio de lidar com a aceitação e a rejeição.

Aceitar ou rejeitar aquilo que se é em termos de sua cor/raça é levar em conta todos os aspectos envolvidos. Em nossa sociedade, a estrada da vida vai tomando dois rumos bem diferentes para quem é negro e para quem é branco. Muitas vezes envolvendo sutilezas, mas que ao final têm pesos e conseqüências diferentes.

Para as pessoas brancas, a cor e a raça não é algo que lhes é lembrado. Conseqüentemente, elas tomam isso com naturalidade. Há um efeito normativo nisso que faz com que o significado de ser branco seja comparado a ser “normal”.

À criança negra muitas vezes é dito que a sua condição racial não é importante, que todos são iguais. Algo que não é importante, mas que retornará várias vezes em forma de apelidos, “brincadeiras”, comentários. Como pode isso não ser importante se merece tanta atenção por parte dos outros e para ela torna-se um sentimento incômodo a ser evitado a todo custo?

O incômodo sentido por ela não encontra espaço para desabafo, nem também haverá, com facilidade, pessoas que reconheçam a angústia peculiar da sua situação, pois o que o senso comum dita é que “quanto mais se falar de racismo, mais se estará dando espaço para que ele se manifeste”.

A atitude de evitar falar de racismo é bastante praticada entre nós, e as divergências em torno do que seja ou não uma prática racista são tomadas como confirmação de que assunto tão polêmico não se deve mesmo discutir.

Na raiz desse assunto “polêmico” há muitos sentimentos intensos tanto para negros como para brancos, e provavelmente por isso haja o desejo de evitar falar. Mas as lembranças mais remotas desses sentimentos geralmente estão mais presentes para as pessoas negras e são associadas com o embaraço, tristeza, raiva.

O professor deve buscar chamar a atenção da questão racial numa perspectiva relacional, atentando para os dois lados, sem correr o risco de deixar essa tarefa somente para as crianças negras. É importante que todas elas saibam do contexto em que se dão as “brincadeiras”, os apelidos, de

modo que não somente saibam que são danosas essas atitudes, mas também como são fomentadas em suas bases.

## **NO INÍCIO, AS DIFERENÇAS: OS RISCOS DE UM SOFRIMENTO PSÍQUICO DESNECESSÁRIO PARA A POPULAÇÃO NEGRA NA ESCOLA**

*“Imaginem uma criança negra com uma história escolar de isolamento, com uma professora que mal olha para ela, que não estimula sua criatividade, não dinamiza sua participação nos grupos ou que não percebe ou não a defenda em relação à hostilidade vivida na relação com seus colegas. Ela não vai pensar que a professora é racista, mas sim que há algo errado com ela, e é por isso que essas situações ocorrem.” (Silva e Correia, 1999)*

Costuma-se falar em adolescentes negros em escolas públicas com seus inúmeros problemas (agressividade, indisciplina, timidez etc.), que acabam se refletindo em baixo aproveitamento escolar. Mas o que acontece antes disso, quando ainda estão em espaços de maiores cuidados como a creche, a educação infantil e os primeiros anos do ensino fundamental?

A interpelação racial para as pessoas negras acontece de várias formas no cotidiano. Na mais tenra idade, as crianças não precisam saber descrever determinada situação para experimentá-la. Na verdade, o contrário acontece com grande regularidade: as experiências chegam àquela criança e ela irá coletando e construindo uma visão particular da realidade com base nas experiências.

Apelidos, “brincadeiras”, referências negativas à população negra possuem uma força de efeito negativo na auto-imagem da criança negra. Essa criança não precisa saber do que se trata exatamente um repertório que existe na sociedade sobre a discriminação do negro. Ela pode nem mesmo identificar-se como negra, mas a associação de qualidades pejorativas à sua inscrição racial não passará de forma isenta.

Ainda muito cedo, na mais tenra idade, o toque, o olhar, a carícia são reconhecidos e desejados pelo ser humano ainda em formação. A ausência



deles, ou a presença com alguma característica que revele tratamento diferenciado, pode levar a criança a reagir de maneiras diversas. Esse tipo de reação é natural por parte das crianças. Seja pedindo, seja negando o afeto, uma mensagem está sendo transmitida e sinaliza algo.

As experiências das crianças nos primeiros anos escolares, sejam aquelas que freqüentam a educação infantil ou aquelas que iniciam já nas primeiras séries do ensino fundamental, propiciam a elas o encontro e o reconhecimento das diferenças. Esse processo se dá como forma de explorar o mundo a sua volta, conhecer o outro e a si mesmas, formando referenciais a partir dos quais se transmitem e se consolidam valores e significados variados. É também um processo-fonte de aquisição para as crianças.

Respeitar as particularidades de cada criança é fundamental. A história de vida que antecede a sua entrada no ambiente escolar é também muito importante e não pode ser desconsiderada.

Falar sobre a discriminação racial contra crianças negras ainda é um tema proibido em sala de aula. Por mais avanços que se tenha verificado, até mesmo em forma de lei, falar disso para as crianças é algo que a maioria dos adultos escolhe evitar, silenciar.

Mas as crianças aprendem desde muito cedo, em vários ambientes, a re-

parar e reconhecer as diferenças entre elas e até mesmo a atribuir valorção positiva ou negativa. Como e onde essas crianças aprendem a fazer isso? Família e escola certamente contribuem bastante para esse aprendizado.

A psicóloga norte-americana Beverly Tatum chama a atenção para o fato de que crianças na educação infantil falam sobre o que vêem. E muitas vezes ao fazerem isso deixam os adultos em situações constrangedoras: uma criança branca aponta para uma criança negra em um local público e diz bem alto: “Por que aquele(a) garoto(a) é negro(a)?”. Diante de uma situação como essa, os adultos podem advertir a criança para que ela nunca mais repita aquilo. Já que a criança apenas expressou uma observação, tenta-se silenciar sua indagação infantil, enviando a mensagem de que não é bom falar sobre esse assunto. Junta-se à primeira indagação, da criança, outra: por que não é bom? Não se deve perguntar aquilo?

De maneira geral, a discriminação contra pessoas negras costuma não ser bem-vista pela sociedade. No entanto, ao silenciar, não se trabalha para sua abolição e efeitos.



As mensagens que originam a discriminação racial e/ou reforçam seu efeito também partem de instituições, como a escola, por exemplo. Sua ocorrência é algo bastante problemático, e a omissão diante dela é grande. A escola, segundo sua missão de educar, não deveria reproduzir o preconceito e a discriminação a partir das diferenças de qualquer natureza entre as pessoas. Assumir isso é ter de pensar sobre o papel dos atores do espaço escolar em relação à discriminação racial.

O nosso intento aqui é tomar a discriminação contra o negro de forma processual, uma constelação de práticas que se expressa de diversas formas em vários espaços. Dessa maneira, pensamos ser possível expandir a possibilidade de dialogar com os profissionais de educação sobre esse problema e convidá-los a uma reflexão sobre aspectos que talvez conheçam, mas que pode ser que não possuam a atenção para enxergar a dimensão racial como uma variável que neles incide.

Também queremos ressaltar que a tarefa não é colocar o problema do negro na escola, mas alertar que é preciso reconhecer a existência do problema das desigualdades raciais e suas conseqüências na instituição escolar, nos espaços de educação, para que se possa pensar em ações de intervenção. Nesse sentido, abordar as relações raciais na escola, tratando dos seus contornos e características, se faz importante e necessário.

## **RACISMO INTRODUZIDO**

Ao contrário de como geralmente é tratada, a discriminação racial manifesta em sala de aula não é simplesmente de natureza episódica, ato cometido por uma ou outra pessoa mal-educada, nem se pode considerar que seus efeitos tenham a ver com o sucesso ou insucesso da família e/ou da criança em estar “bem resolvida” com a sua racialidade. Esses efeitos são resultados de aprendizagens. Não a aprendizagem no sentido mais formal da instituição escolar, mas no sentido de que toda experiência humana gera algum nível de saber.

Ao levantarmos essa discussão sobre os efeitos da discriminação em sala de aula, não propomos um fim. Nosso objetivo é dialogar com o contexto onde ela emerge, circula, e com os atores envolvidos.

Uma das principais características da discriminação racial no Brasil ainda é o não-reconhecimento desse problema. Boa parte da literatura, da música e mesmo das ciências humanas e políticas celebram e afirmam

a igualdade e a importância comum de todos os grupos étnico-raciais. Dessa forma, mantém-se intacta a situação de discriminação racial e de desigualdades sociais.

O contexto social multirracial brasileiro propicia dinâmicas bastante diferenciadas em termos da experiência de vida para negros e brancos. A marca da diferença começa bem cedo: em casa, na escola, na rua, ou seja, nos espaços de educação e socialização.

A convivência entre as pessoas se dá a partir de relações estabelecidas dentro de diferentes contextos e dimensões, como as representações que a sociedade tem do grupo de pertença de cada indivíduo e quais as características e associações de significado que conformam o sentido e o sentimento de pertencimento ao grupo. É necessário levar em consideração esse aspecto que envolve as relações humanas.

Em nossa sociedade, os valores e referências da cultura africana se fazem historicamente presentes e atuantes, atravessando décadas, séculos e gerações. Entretanto, ao mesmo tempo, nossa população sofre a pressão de uma “ideologia do branqueamento”, que frequentemente é considerada um problema do negro, que quer se identificar como branco por não se sentir confortável com a sua condição de negro.

Mas que condição de negro é essa? Estamos nos referindo a uma condição de negro de natureza estática e construída ao longo da história de nosso país, tendo como base referenciais negativos que predefinem essa condição como negativa ou inferior.

Na escola, nem sempre os professores atentam para situações oriundas desse cenário e/ou estão preparados para manejá-las de maneira adequada.

As sutilezas da discriminação racial em sala de aula e os silêncios perante ela produzem efeitos. Professores despreparados para lidar com a desvalorização da criança negra, um efeito da discriminação, conseqüentemente podem reproduzi-la na maneira como avaliam essas crianças em sala de aula.

A reprodução à qual se quer referir aqui não tem exatamente os professores e as professoras como protagonistas de uma ação. A reprodução acontece com algo que já teve seu início e circula no repertório de idéias, representações e práticas em nossa sociedade.

Entretanto, a criança negra não assume posição passiva nessa situação.

Ela responde, ela resiste, ela se insurge. Duas formas muito comuns que os professores utilizam para caracterizar esses comportamentos de reação são a timidez e a indisciplina. A primeira nos dá a impressão de que a criança se volta para dentro, se fecha em si mesma; e a segunda, de que a criança se volta para fora, quer revidar.

A criança tímida é a criança quieta que, se não produz, se não se coloca, se não fala, também não tumultua a sala, e isso não atrapalha o trabalho do professor. A criança indisciplinada é a criança que não sabe se comportar, que se faz ver, que fala e age a quase todo momento, e isso sim afeta diretamente o trabalho do professor.

Mas essa forma como os professores enxergam essas duas crianças que se insurgem contribui para que elas ultrapassem a reação? O que pode estar por trás dessa timidez e dessa indisciplina?

## **CRIANÇAS LÚCIDAS, CRIANÇAS PENSANTES. CRIANÇAS TÍMIDAS, CRIANÇAS INDISCIPLINADAS**

Poderiam ser crianças medrosas? Poderiam ser crianças raivosas? Sim, com certeza poderiam. Poderiam ser crianças naturalmente tímidas? Poderiam ser crianças naturalmente indisciplinadas?



Há uma série de possíveis reações e efeitos da discriminação racial que podem tomar forma no corpo e no comportamento de uma criança negra, e existem, obviamente, diferentes características que essas crianças possuem, misturadas à sua timidez ou indisciplina. Os professores sabem muito bem disso. Mas nesse momento fizemos a escolha de pontuar a timidez e a indisciplina.

Tanto a timidez como a indisciplina podem ser sinais de resistência e insurgência da criança negra ao recalque que lhe é imposto desde muito cedo e que se reproduz em seu comportamento na escola (Luz, 1990 apud Silva, 2001). Ambas também podem influenciar bastante no processo de adaptação da criança ao ambiente escolar, socialização e interação consigo mesma e com os outros.

Na escola, o professor poderá reforçar estereótipos que recaem sobre crianças negras se for formado numa visão acrítica das instituições educacionais, que não contempla outras formas de ação e reflexão (Silva, 2001), e principalmente se não souber como se posicionar perante a discriminação racial na escola, silenciando sobre esta.

Muitas vezes os professores agem considerando que as diferenças são produzidas de acordo com as diferentes posturas individuais das crianças. Dessa forma, desconsideram a dimensão racial como algo presente no cotidiano escolar e podem não enxergar a criança em sua totalidade, somente conseguindo enxergá-la através da díade timidez-indisciplina.

Esse empecilho para enxergar o todo mantém relação com um nível de invisibilidade. O que não se consegue ver? O que não está sendo visto? Um produto final dessa invisibilidade de caráter étnico-racial poderá ser a rejeição da criança negra. Se as características étnico-raciais do professor forem iguais ou próximas às dessa criança, poderemos ter também a auto-rejeição por parte do professor e a conseqüente rejeição do outro assemelhado.

A pertença ao grupo racial negro pode ser algo positivo, mas em alguns casos torna-se forte fonte de expectativa e interação dos professores para com as crianças negras. Dada a relação dominante/subordinado (ainda presente em ilustrações e textos de livros didáticos) que ainda predomina em nossa sociedade, respectivamente para o grupo branco e o grupo negro, e as associações negativas em relação ao grupo negro, a pertença a este grupo pode vir a se constituir num fator que dará origem a dificuldades a serem enfrentadas em sala de aula (Silva, 2001).

Quando essas dificuldades começam a surgir nos espaços de educação, que também são espaços de socialização, muitas vezes os professores as identificam como manifestação de algo que diz respeito àquela criança, isoladamente, sem considerá-la na interação com eles e com os colegas de sala, havendo risco de a dificuldade se transformar num aspecto que será o elemento predominante na relação deles com a criança.

Os referenciais para qualificar as crianças negras como tímidas ou indisciplinadas, paradoxalmente, não têm relação exclusiva com a produtividade delas. Assim parece ser, já que essas duas formas de comportamento geralmente são colocadas como empecilhos para o sucesso escolar da criança e/ou o bom desenvolvimento (eficiência) do trabalho do professor.

Toda criança tem uma história que antecede o seu encontro com o professor em sala, e é preciso ter isso em mente enquanto se trabalha com as crianças. Pois há o risco de que, como se fosse uma espécie de autopropriedade, as atenções do professor venham a ser muito mais um investimento pequeno, direcionado, selecionado para aquele ou aquela de quem já se espera que o retorno seja baixo mesmo. Ao mesmo tempo que ele pode não se dar conta de que essa atitude também se constitui em baixo estímulo, baixo incentivo, para crianças que, muitas vezes, ao contrário do que se imagina, têm sim um grande potencial.

Daí se forma o estigma, e o professor pode consistentemente concentrar mais o seu olhar nas falhas que espera da criança do que nos êxitos que ela consegue realizar.

Isso pode também se transformar em um processo que leva à repetição de comportamento. Ao adentrarem uma nova classe, os professores podem mesmo recobrar suas experiências de anos anteriores, lembrar as crianças para as quais lecionaram anteriormente e que apresentaram comportamentos semelhantes às do momento presente, dando início a um mapeamento dos tímidos e indisciplinados da classe.

Cabe ressaltar que o professor estará numa postura de suposta “neutralidade”, de não implicar-se em relação ao seu mapeamento comportamental, cujas linhas-limite da timidez e da indisciplina foi ele próprio quem traçou.

É comum que o sistema educacional atribua à criança tida como tímida e indisciplinada (e às vezes à família também) a responsabilidade por seu comportamento, ainda que leve em conta seu processo de maturação e suas fases de desenvolvimento, quando, na verdade, deveria comparti-

lhar e tratar coletivamente as questões que podem surgir sobre ela.

É preciso responsabilidade e compromisso do professor e da coordenação pedagógica para tratar do “sintoma” social que se expressa na criança negra, o que não acontece quando se limitam a apenas classificá-las e descrevê-las com tais características, sem propor uma discussão sobre as motivações, a constelação de práticas e processos envolvidos, que inevitavelmente vão revelar a necessidade de incorporar o professor e a coordenação como parte da solução.

*“Diante de um quadro em que as crianças negras são objetos da expectativa negativa de professores e de seus colegas, a tendência é que se sintam desestimuladas, dessa forma condicionando um baixo desempenho” (Silva, 2001, p. 19).*

As crianças experimentam seus sentidos: olham, escutam, tocam. Da mesma maneira, os professores no cotidiano escolar olham-nas, escutam-nas, tocam-nas, e esta também é uma experiência importante, pois ela se sente reconhecida pelo outro. Imaginemos a possibilidade de a criança não ser olhada, não ser escutada pelo adulto. Sentir-se-á ignorada.

Se não reverbera em sua cabeça, nos seus olhos, no seu íntimo aquilo que seria para o outro, positivamente, de forma saudável, o investimento em estratégias de superação e defesa é um caminho para a criança. Mas não voluntariamente, não naturalmente.

A falta de atenção pode gerar a necessidade de chamar a atenção, pode gerar uma espécie de mutismo. Timidez? Resolveu se calar diante dos fatos. O professor é que não deve se calar diante da criança tímida. Observar a timidez de longe, sem se aproximar da criança, sem buscar investigar as motivações daquele comportamento é quase como delegar uma imensa e pesada tarefa à própria criança.

Para essa criança, a resistência em ser qualificada como tímida ou disciplinada para justificar seu insucesso escolar pode travestir-se exatamente na forma da timidez e da indisciplina. A dificuldade e o desafio de organizar seu pensamento para ultrapassar essa resistência provêm, em grande parte, de uma representação estereotipada sobre ela que vai sempre estar em confronto com sua necessidade de negar um estigma.

Estigma que muitas vezes essas crianças nem compreendem, pois não têm palavras, não têm como traduzir, não têm discurso formado sobre aqui-

lo que as está incomodando, mas sentem as afetações e reagem a elas.

A exposição da criança negra ao estigma e aos rótulos e a resistência que pode daí advir são capazes de conduzi-la ao desinteresse pelas atividades desenvolvidas, pelo convívio, pela interação com o professor e os colegas, pelo espaço escolar. Daí a necessidade e a importância de o professor estar preparado para fazer a leitura dessa timidez e dessa indisciplina.

A criança que se recolhe na sua timidez ou extravasa na sua indisciplina como resposta aos efeitos da discriminação racial entroniza sentimentos negativos sobre si mesma, os quais não consegue compreender. As mensagens que lhe chegam são confusas e divergentes: se a agridem verbalmente, ela não encontra facilmente palavras para se defender; se ela revida, pode ser punida.

A impossibilidade tanto de cessar a violência psicológica que a atinge quanto de entender por que a sua reação e o seu pedido de ajuda não são decifrados pelos adultos ao seu redor conduz à necessidade de buscar saídas.

Frente à confusão entre o que é certo ou errado, bom ou ruim que se origina da sua angústia pelas discriminações no ambiente escolar, qualquer criança provavelmente vai lançar mão de uma atitude que ela pensa ser uma resposta ou que lhe traga alguma segurança.

Depois de sentir na pele que as coisas estão erradas, em forma de sentimento de discriminação, de se sentir menor, inferiorizada, ela não tem por que não violar as regras colocadas pelos adultos na escola.

Pode não ficar muito explícito para alguns professores e professoras, mas os acordos são partes do cotidiano escolar. Aquilo que é permitido ou não fazer, que é comunicado à criança no momento em que fazem uma advertência, uma reclamação, passa a constituir limites, regras. Limites e regras para ambos: adultos e crianças. Regras fazem parte do mundo da criança desde cedo. E é importante que não ignoremos isso. Na situação específica que estamos tratando aqui, que envolve a discriminação racial contra crianças negras, um problema é que a partir do instante em que a criança percebe que os adultos não cumprem sua parte nos limites e regras que são acordados de forma aberta ou tacitamente, aos quais recorrem para evitar o incômodo, ela não hesitará em também violar as regras.

Por que “vale” chamá-la de “negrinha” ou “negrinho” com a intenção de ofendê-la e “não vale” quando ela bate ou xinga em resposta a isso?



Freqüentemente, a atitude de bater ou xingar é vista como mais censurável e passível de proibição. Ofender a criança negra pela sua cor/raça também é censurável, é claro, mas isso ainda tem sido predominantemente feito de maneira episódica ou sem levar em conta a violência em que isso se constitui. E o que tem sido passível de proibição é falar sobre racismo.

A maioria das pessoas em nossa sociedade acredita que falar do racismo não é parte da solução para este problema. Cabe ressaltar que mal começamos nossa caminhada no sentido de manter um diálogo aberto em diversos âmbitos e instituições sobre a questão racial no Brasil, e aí podemos mais uma vez dizer, acertadamente, que não falar tem sido parte do problema. Não falar sobre esse problema nos impede de conhecer seus mecanismos de sustentação, a forma como opera, os lugares em que ocorre e as práticas. Sem sabermos desses aspectos fica muito difícil combater a discriminação e promover a equidade racial.

A prevenção para a não ocorrência de situações de discriminação deve ser observada por professores e professoras, e isso pode ser feito desde a própria sala de aula. É preciso não nos assustarmos – e sim encararmos – com o fato de que tensões raciais têm existido em nosso país. E o ambiente escolar não fica imune a elas.

## **PROFESSORES E CRIANÇAS: SOB O SILÊNCIO E PARA ALÉM DA DISCIPLINA**

Se, de um lado, temos crianças negras sofrendo uma pressão que as leva a reagir a algo que constrange, de outro geralmente temos professores que possuem uma construção particular da realidade destituída da análise das interferências da dimensão racial no plano da sua prática profissional. Dessa forma, se não se buscar desconstruir as estruturas da discriminação racial no espaço educacional, elas vão continuar operando: formando raciocínios, fornecendo bases naturalizantes para condutas de silêncio perante o racismo, gerando o sentimento de estar executando um trabalho correto... Tudo isso avaliado pelo referencial da medida do controle.

Para atentar e se colocar diante das situações de discriminação em sala, o professor precisa ter sensibilidade, construída a partir da consciência de seu papel como pessoa e como educador, seja qual for sua cor/etnia. Por falta desse preparo, muitas vezes é mais conveniente fazer de conta que não está percebendo determinadas situações do que interferir nelas.

Trabalhar numa perspectiva de fazer com que não só o professor mas também as crianças possam estar na sala de aula e queiram permanecer nela. As repetidas faltas e a evasão escolar podem estar ligadas ao desconforto gerado em sala pelas brincadeiras de cunho racial e discriminatório.

A timidez e a indisciplina das crianças negras que sofrem discriminação não são à toa. Na verdade, são formas de elas se defenderem, pois ainda não dominam a palavra. Como é que uma criança vivendo os seus 5 ou 7 anos de idade vai expressar o que sentiu após uma ofensa racista que a afetou? Para escutá-la dizer ou balbuciar qualquer coisa a respeito de suas emoções nesse momento, vão ser necessárias uma intervenção que transmita confiança e acolhimento e uma escuta atenta do professor a fim de que a criança traduza o sentimento para uma linguagem compreensível para ambos.

Incluir na intervenção o pedido de que a criança que ofendeu fale sobre o que ocorreu é também uma tarefa a ser cumprida. Atitudes dessa natureza poderão fazer com que a criança, ao se expressar, compartilhe, sinta, de outra perspectiva, mas não menos importante, o mal-estar que gerou, o que pode ser uma importante lição de convivência.

A confiança e a comunicação da criança com o professor para expressar

seus desconfortos, seus incômodos, requerem um tipo de interação especial, bem cuidada, que é validada no cotidiano escolar.

*“O racismo produz ‘apagamento psíquico’, às vezes parece timidez mas não passa de dificuldade e medo de se colocar, de ser, de aparecer, pelos riscos de humilhações que poderá viver” (Silva & Correia, 1998).*

Portanto, é preciso entender que a timidez e a indisciplina podem se instalar como atitudes mais ou menos repetitivas na criança negra, como formas de defesa.

Cabe ao professor mediar as situações de discriminação ao percebê-las entre as crianças para aprender modos de lidar e atitudes eficazes de combatê-las. Precisa estar preparado para perceber quando uma criança é discriminada racialmente e também reconhecer a manifestação das consequências, por exemplo, sob a forma da timidez ou da indisciplina.

Falando especificamente sobre a indisciplina, ela geralmente existe na expectativa dos professores de maneira mais ou menos geral, difusa. Talvez porque ela contenha elementos de agressividade e/ou porque geralmente interfere mais na dinâmica da sala de aula do que a timidez. No entanto, em alguns casos é preciso ter atenção para quando a indisciplina se manifestar não ser tomada como confirmação de uma expectativa.

Há a associação das crianças negras com um histórico de famílias pobres, desestruturadas, como se isso fosse um aspecto intrínseco que mais cedo ou mais tarde irá se manifestar como ponto decisivo de sucesso ou insucesso escolar.

Também é preciso lembrar que a criança traz princípios e educação que vêm de casa e com os quais a sua formação na escola manterá relações. Então, há uma continuidade da formação de casa na escola, e o professor é quem vai fazer isso. Mas, para que essa continuidade aconteça de forma proveitosa para a criança, ele precisa estar apto, dispondo de conhecimentos e sensibilidade para fazer leituras abrangentes dos comportamentos e atitudes das crianças. Pois talvez possa ser necessário introduzir algum elemento de descontinuidade para que a formação de casa e a da escola se ajustem para promover as possibilidades de desenvolvimento para a criança.

O caminho entre a casa e a escola para essas crianças tímidas e indisciplinadas pode ser a via de um bloqueio que carregam consigo. Isso pode

se dar num nível em que não queiram frequentar a escola. Ou, para elas, a relação de amizade com os colegas de sala vai ser mais atrativa do que as aulas, pois nestas últimas sentir-se-ão ameaçadas com a possibilidade de enfrentar os bloqueios e ter de responder a eles de alguma forma.

A recusa da criança em querer ir para a escola é uma das formas de dizer que não deseja permanecer naquele ambiente por não estar sendo um lugar prazeroso, confortável. E as crianças vão para a escola, principalmente na educação infantil, também na intenção de partilhar com os colegas, de brincar, de conviver com o professor, que muitas vezes elas têm como um ente querido.

Essa criança poderá estar numa rotina entre a casa e a escola que lhe é muito desanimadora. Não lhe basta ser a escola um espaço para onde pode ir todos os dias, não basta somente a companhia dos colegas. As crianças necessitam ter a escola como um ambiente com atrativos. Não apenas fisicamente. É preciso atentar que esse ambiente pode estar sendo de difícil convivência, nos seus vários aspectos, para aquela criança. As “brincadeiras” que discriminam, o silêncio ou a inabilidade do professor em lidar com elas e fazê-las cessar podem resultar em uma avaliação distorcida que a criança fará de si mesma.

Com o tempo, isso poderá se transformar em bases para verdadeiras reflexões que a criança levará todos os dias para casa como se isso fosse uma tarefa a ser sempre preparada para o dia seguinte. É uma tarefa da qual essa criança pode se livrar? O que essa criança negra fará num ambiente escolar desfavorável e em certa forma perturbador? Provavelmente o que qualquer criança faria: defender-se, esconder-se, revidar ou fugir.

A criança pode estagnar e se sentir paralisada se as relações de convívio na escola não lhe trouxerem tranquilidade e segurança para enfrentar a transição diária casa – escola, com suas particularidades, e se também ela encontrar na relação com as outras crianças desafios que não consiga superar, por causa das brincadeiras e dos apelidos que se referem a suas características corporais, seus traços físicos, que ela já percebe também pela diferença, pela comparação...

Mesmo a criança que seja estimulada a reagir à discriminação poderá ter dificuldade em fazê-lo em algum momento. Até mesmo porque essa também é uma tarefa a ser cumprida pela escola. A discriminação não é algo que ela possa nem deva resolver sozinha.

Ela pode bater, ela pode empurrar, ela pode morder. São vários os fatores que fazem com que essa criança tenha essas atitudes. Mas como pode o professor se colocar diante desse tipo de atitude?

Além de analisar os motivos, será que o professor refletiu sobre o porquê das atitudes da criança? Ou será que ele somente o faz quando ela se mostra em sua timidez ou indisciplina? Que outros olhares esse professor dirige para essa criança? Não estaria ele preso pelo olhar que vê predominantemente a timidez ou a indisciplina na criança? Seriam essas as únicas maneiras que a criança naquele momento encontra para amenizar o desconforto que enfrenta?

## **NA DIFERENÇA, QUEM É DIFERENTE?**

A escola é uma instituição que tem sido convocada para buscar formas de barrar a reprodução das desigualdades raciais, combater a discriminação e promover a desconstrução do mito da democracia racial. Devido à necessidade de reverter o quadro de desigualdades, trabalhos têm sido desenvolvidos nas escolas por professores capacitados para lidar com as diferenças étnico-raciais das crianças, por exemplo. Mas deve-se trabalhar, verdadeiramente, com os diferentes, demarcando que a diferença está posta para todas as pessoas.

Ao expor em classe o tema das diferenças entre as crianças visando alcançar resultados positivos, é imprescindível que o professor cuide para não estabelecer referenciais para trabalhar as diferenças, pois com isso ele pode correr o risco de, sem querer, afirmar padrões, como se existissem humanos “genéricos”. O que implicaria deixar intocadas algumas idéias equivocadas de superioridade e, ao mesmo tempo, unilateralmente, focar na superação da também equivocada idéia de inferioridade.

As crianças precisam saber que elas são diferentes, que elas não são iguais umas às outras. Porém, como ainda há um padrão exposto e estampado desde muito cedo para todos nós - que destaca a mestiçagem muito mais como elogio ao tom de pele clara, à brancura -, as crianças negras, principalmente, com seus cabelos crespos, nariz e boca com formatos diferentes, merecem uma atenção especial para que não sejam afetadas no respeito a sua própria imagem corporal.

São diferentes, sim, mas essas crianças não são inferiores. É preciso ter essa noção bem estabelecida para transmiti-la com confiança à criança. Atu-

almente nas escolas fala-se bastante em elevar a auto-estima da criança negra. Isso se constitui, também, num reconhecimento de que essas crianças têm a sua auto-estima afetada antes e após a entrada no espaço escolar.

Se os professores deixam passar despercebidas as situações de discriminação racial, a criança nunca deixa isso acontecer. Talvez seja mesmo impossível, porque isso a afeta e ela reage. Pedir à criança que ela “esqueça”, que “deixe para lá”, é ratificar a violência subjetiva que acabou de sofrer e que vai deixar marcas. Cada novo investimento contra ela em forma de discriminação vai ser percebido mais apuradamente.

Nessas situações, o retraimento, a agressividade ou fazer de conta que nada está acontecendo poderão ser uma saída (Silva e Correia). Talvez se acirre sua indisciplina, talvez a sua timidez. Serão sintomas de um vazio de palavras, resultado de um tema proibido.

É necessário ter em mente o fato de que nem sempre ao abordar o tema das relações raciais em sala de aula as crianças, mesmo as que sofrem com a discriminação, reconhecerão imediatamente naquela atitude, em princípio, algo que diz respeito a elas. Portanto será necessário lidar com aceitação, rejeição, e não desistir diante de avanços pequenos, buscar formas de fazer com que as crianças percebam a relevância do assunto para a convivência na escola e também despertar-lhes o interesse.

Deve-se atentar também para o fato de que, para uma criança negra, ser



colocada no lugar daquele que é diferente pode ser bastante difícil, afinal essa diferenciação na maioria das vezes chega a ela na forma de incômodos preconceitos e discriminação.

Além disso, se majoritariamente os espaços de educação das crianças consideram as relações raciais harmônicas e não causadoras de nenhuma interferência na vida escolar, então há que se observar que o trabalho com a diversidade, com a pluralidade, englobe todos que são diferentes.

## **FALANDO SOBRE RACISMO: ADULTOS E CRIANÇAS NA MESMA CIRANDA**

As reuniões entre professores e coordenação pedagógica podem ser momentos ricos para dedicar tempo para refletir sobre como a questão racial atravessa o cotidiano escolar. Mas não é preciso esperar acontecer um episódio de discriminação explícito, nem basta concentrar-se nas medidas tomadas para algum que tenha acontecido.

Os momentos de reflexão que não passam pelo estudo intelectual, que não vão além das leituras sobre a temática racial na escola, ou seja, vivências que propiciem implicações de caráter afetivo, também merecem espaço. São momentos para pensar sobre as relações que o professor mantém na escola, pois os conceitos que adquire através dos livros podem vir a ser apropriados, mas suas relações continuam a reproduzir o racismo ou a permitir que outros o façam.

Há que se deslocar a discriminação e o preconceito para além do exame de um racismo individual que imagina o preconceito como algo que é praticado por alguém que é desprovido de boa educação ou algo semelhante. Esse tipo de postura contribui para que se continue a ignorar e desconhecer as estruturas de poder fundamentais que sustentam a compreensão que os indivíduos têm de si mesmos.

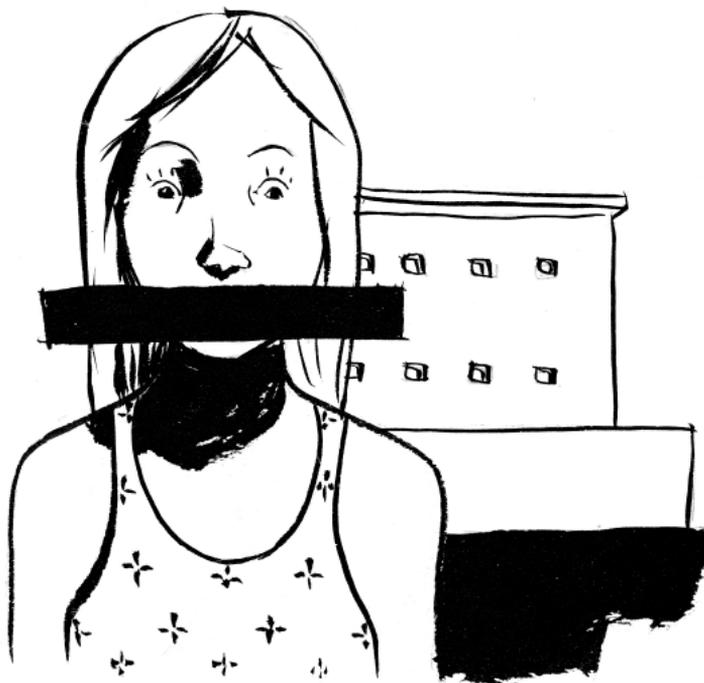
O espaço escolar não pode continuar silenciando sobre o racismo, tratando-o como tema menor. Para que um professor esteja atento à discriminação racial na escola é fundamental vivenciar nesse espaço algum trabalho que o alerte para isso. Caso contrário, muito dificilmente ele atentará - a não ser aqueles professores engajados na militância, pessoas que já vivam esse processo de olhar para suas identidades - para a identidade negra e as vicissitudes pelas quais as pessoas passam em sua construção.



A escola, de fato, precisa investir na formação e no preparo dos professores para lidar com a discriminação racial em sala de aula. Seja através de grupos de estudos, de capacitação, a escola deve propiciar oportunidades para que o professor possa fazer leituras críticas sobre as desigualdades e entender como essas desigualdades se expressam nas relações. Muitas vezes são minúcias, que passam por brincadeiras “leves” na concepção do professor que ignora o impacto da discriminação.

Uma intervenção no momento da brincadeira de tal natureza é algo primordial, pois está sendo demonstrado que a relação entre as crianças também está se dando de forma prejudicial para algumas. Então, é importante demarcar para a criança que foi discriminada que ela não deve aceitar aquele apelido, por exemplo, e isso o professor não vai necessariamente falar para ela, mas vai apontar através da intervenção que ela não deve aceitar aquele tipo de brincadeira. E é igualmente importante demarcar para a criança que discriminou que ela não tem o direito de fazer aquilo.

Outro momento tem a ver com abordar questões próprias da sala de aula, trazendo fatos do cotidiano, por exemplo, expressões de racismo que aparecem às vezes na TV, adaptando-as ao nível de cada turma, obviamente, mas com o mesmo objetivo: colocar os problemas e as tensões raciais existentes em nossa sociedade, trazer para a sala de aula discus-



sões a respeito de um cotidiano racializado, de experiências da vida, coisas que acontecem próximo às crianças e das quais elas sabem, fatos tanto positivos, de avanços, quanto negativos, que precisam ser observados, discutidos, examinados.

Se as crianças já conseguem fazer brincadeiras de cunho racial discriminatório é porque elas já estão percebendo as coisas, reconhecendo, e até mesmo aprendendo a decodificar os valores associados a grupos raciais específicos. Portanto, o professor pode colocar isso para as crianças, porque as crianças têm condições de falar sobre o assunto. Elas poderão conversar, ouvir umas às outras. Esse pode ser um exercício especialmente importante para as crianças negras, porque elas vão encontrar espaço na sala para se expressarem, e aquelas que se expressam mais facilmente vão poder comentar, exercitar a comunicação, falar dos seus sentimentos, dialogar com o outro. As crianças que recebem menos atenção dos professores podem ser, também, as mais caladas, e essa pode ser uma chance de ultrapassarem a barreira do silêncio. As indisciplinadas podem conter-se para falar, pois o

momento pode ser uma oportunidade que diretamente lhes interessa.

Num exercício como o referido acima, o professor poderá constatar potenciais e conteúdos dos quais não tem se dado conta. Saber do que mais está se passando em sua sala de aula. Do incômodo, do desconforto que a criança está suportando pode surgir a força motriz para que desabafe, com clareza.

É claro que as coisas não acontecerão numa ordem como estamos tratando aqui, podem acontecer desavenças também, ou o professor e a própria classe podem se sentir perdidos em princípio, mas isso faz parte do processo de mexer em algo que estava sendo “abafado”.

Para aquelas crianças que são mais silenciosas ou silenciadas, também esse é um exercício importante. Ao verem outros iguais a elas se expressarem, falarem, ela pode reconhecer que sua voz também está ali presente e perder a sua timidez para se colocar.

O silêncio sobre a discriminação contra a população negra na escola tem como uma das conseqüências as crianças silenciadas - crianças que se esquivam, que ficam no fundo da sala e ali reagem se escondendo, procurando se encobrir, bem caladas. Se o professor tende a crer que as crianças tímidas são as crianças que não dão trabalho, elas irão continuar lá, escondidas.

Outra conseqüência é a punição pelos efeitos da discriminação. As crianças que são indisciplinadas são vistas de maneira diferente na escola, são consideradas indesejáveis, crianças que dão trabalho. E esses rótulos podem ser repetidos para elas várias vezes durante o ano letivo. Elas são afastadas do convívio com o grupo, deixam de participar de muitas atividades com os outros colegas...

O professor pode atentar ainda para o fato de que a criança tímida ou indisciplinada esteja buscando nele um suporte para sair das situações que a constroem em sala e geram a timidez ou a indisciplinada. Outras formas de comunicação que não a fala, como o desenho, por exemplo, podem revelar um pedido de ajuda, podem revelar o que e como ela está se sentindo e como utiliza a imagem como canal de comunicação.

Situações como essas talvez sejam momentos delicados. Podem ser momentos de necessidade de proteger as crianças negras da coisa perversa que acontece no dia-a-dia. A hora de ter de dizer um “basta!”, que não serão permitidas as situações de humilhação, porque às vezes um grau tão

violento e intenso de agressão psicológica equivale a uma criança agredir fisicamente o corpo da outra. E se é possível barrar, dizer que não vale, baixar a lei, ser incisivo com a agressão física, por que não ser com a agressão verbal que manifesta o preconceito e a discriminação racial?

É muito estranho que se reprimam tantos comportamentos inadequados, prejudiciais às crianças, através de regras na escola, e que não se trabalhe por construir, juntamente com as crianças, regras que considerem a questão racial. Por que não? Se essa é uma vivência, se sabemos que isso existe?

Entre a timidez e a indisciplina incide ainda a questão de gênero. Aos meninos é mais permitida a expressão da agressividade do que às meninas, por isso os professores observam que os meninos tendem a reagir mais com a indisciplina. As meninas que expressam sua reação através da indisciplina são repreendidas por serem indisciplinadas e do sexo feminino.

Vale ressaltar uma outra questão que é a reação aos efeitos da discriminação que vai diretamente para a aprendizagem. Professores que possuem uma atenção para as formas como o racismo e seus efeitos se



manifestam na escola observam que algumas crianças indisciplinadas se desenvolvem bem na aprendizagem. Ressaltam que uma coisa não necessariamente obstrui a outra.

A criança que sofre a discriminação tende a se isolar, mesmo que consiga de alguma forma reagir. De qualquer maneira, não desejará que a situação continue a ocorrer. Esse isolamento é perigoso para a criança não somente por interferir em suas relações de convivência na escola, mas também por trazer a idéia errônea de que ela pode evitar o “problema” mantendo-se afastada, como se ela atraísse a discriminação e pudesse evitá-la se quisesse. Se ela se comportar de determinada maneira a discriminação não ocorrerá para ela. Uma coadjuvante da própria vitimização.

Isso pode acarretar ainda o desenvolvimento de “pensamentos mágicos” na criança, com base na idéia de que coisas ruins acontecem porque ela faz tudo errado, ou pior: de que há algo de errado com ela.

A natureza da rejeição pela qual pode passar a criança negra na escola vai minando sua autoconfiança, motivação, interesse e prazer em estar na escola. Se ocorrer a omissão do professor para barrar, a chance de ela continuar a ser agredida por apelidos e xingamentos foi renovada. À medida que isso progride, a criança vai sentir-se cada vez mais rejeitada, mais inadequada àquele ambiente.

Observar uma criança que não tem interesse pelas atividades escolares, que se sente desmotivada de maneira geral pelos aspectos que envolvem sua própria escolarização, não é algo incomum ou difícil de ser feito por professores e professoras. O desafio é que consigam relacionar e reconhecer que essa situação possa estar ocorrendo devido à rejeição das características de raça/cor da criança.

Por trás do silêncio e da indisciplina não há somente uma criança que simplesmente não quer estudar, que não quer ser perturbada, que quer que a deixem quieta no canto, ou que está agitando a sala e buscando extravasar sua energia todo o tempo na sala de aula.

Esses dois comportamentos que focalizamos aqui, a timidez e a indisciplina, são problemas enfrentados por crianças negras na escola, a qual também mantém relação de expectativa em relação a elas. Tal expectativa tanto pode ser excessiva como uma espécie de cuidado para aquelas crianças que, espera-se, terão dificuldades de adaptação ao ambiente escolar e baixo desempenho.

## **IGNORAR A DISCRIMINAÇÃO RACIAL NA ESCOLA É AUMENTAR SUA FORÇA E IMPACTO**

Se não se fala sobre a discriminação racial na escola, não se pode conhecer mais do seu funcionamento e manutenção. Saber sobre isso é ir em direção ao esclarecimento do porquê do silenciamento.

Ignorar a discriminação quando ela ocorre é dobrar seu poder, é permitir sua continuidade, tornando-a natural. O contrário disso é fazê-la bem marcada, torná-la bastante visível em suas várias formas: explícitas, implícitas, sutis, “brincadeiras”...

Silenciar diante da discriminação racial em sala de aula e esperar que a criança em algum momento aprenda a responder ou reagir adequadamente é bastante perigoso, pois nunca se pode ter certeza de que isso acontecerá sem maiores conseqüências para ela. Isso pode chegar ao ponto desastroso de a criança somente se dar conta dos efeitos do racismo à sua volta na idade adulta. Tais efeitos estão e estiveram presentes na vida escolar de muitas pessoas negras, que depois de se sentirem impotentes perante o desconforto dos ambientes escolares tomaram a decisão de seguir em frente, mas caladas. Investiram no silêncio e deram a resposta com o sucesso escolar.

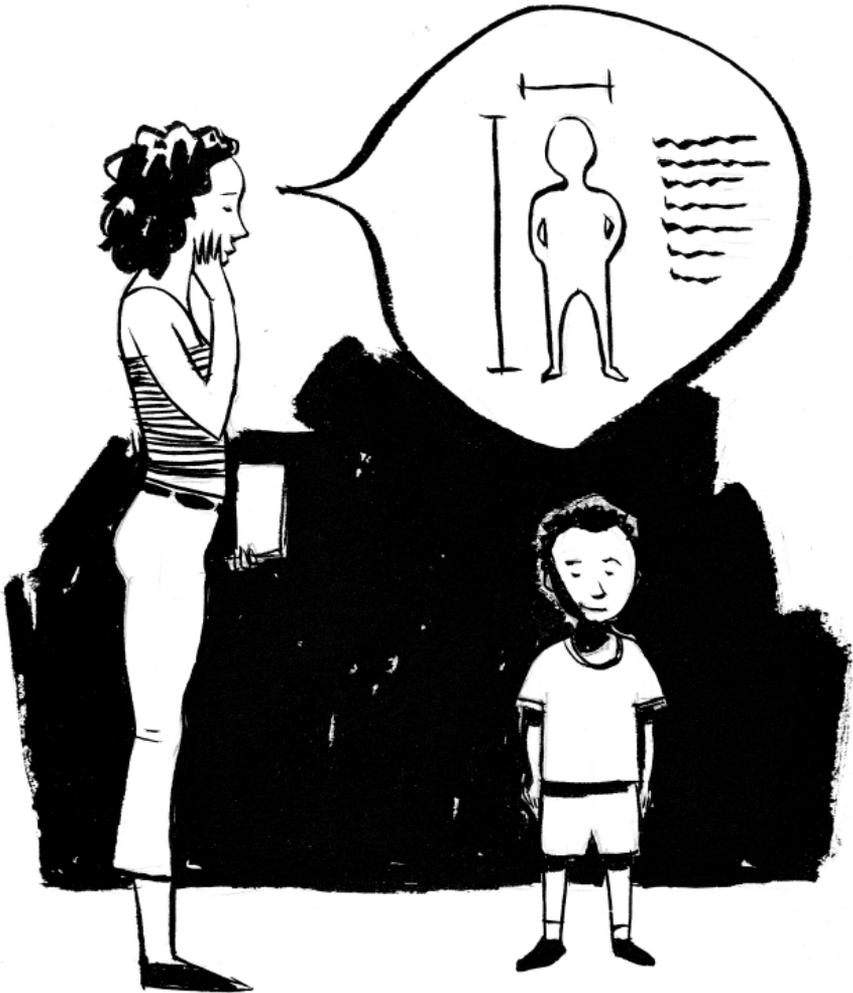
Se o silêncio for a tônica das relações raciais na escola, ele também poderá estar fortemente presente na vida das crianças negras discriminadas, por menor que seja a idade dessas crianças, por menor que seja a sua capacidade de compreender um mecanismo tão complexo quanto o da discriminação. A mensagem explícita de que aquele seu sentimento experimentado parece não ter nome, não pode ser falado, não pode ser escutado, é algo muito difícil para ela enfrentar sozinha.

Ademais, se as crianças constatarem o silêncio e a hesitação dos adultos diante da discriminação racial, como elas imaginarão que podem se expressar quando situações dessa natureza ocorrerem com elas? Como elas poderão confiar nos adultos para compartilhar o que lhes causa angústia?

Com a crescente introdução da temática racial nas salas de aula e também na formação de professoras e professores negros, não é difícil que muitos acabem se identificando nos questionamentos e retomem sua trajetória escolar. Essa retrospectiva pode ser um bom exercício e até mesmo trazer a lembrança dos sentimentos igualmente incômodos que existiam à época em que eram crianças na escola.

Uma grande vantagem que pode advir daí é a conscientização de que **o seu sofrimento foi desnecessário** e que é importante trabalhar para que semelhante sofrimento não se repita para as crianças negras em suas classes.

Relatos de professoras e professores negros sobre como a falta de motivação muitas vezes os atingiu em sua trajetória escolar demonstram as diversas formas que as conseqüências da discriminação podem assumir. As formas que mais chamam a atenção são aquelas que se voltam para a própria instituição escolar: repetência, faltas, evasão.



Muitas vezes a escola reconhece a existência do preconceito racial na sociedade, mas quando algo especificamente no campo da educação é apontado e demonstra que o fator racial influencia o funcionamento dessa instituição, não é incomum que aconteça negação, veementemente. Parece haver uma idéia geral de que reconhecer a existência e as conseqüências de preconceitos e discriminações no ambiente escolar é assumir algo que jamais poderia ou deveria ter surgido ali.

Essa é uma idéia equivocada. O espaço escolar é um local sujeito à manifestação de preconceitos e discriminações como tantos outros. O que não se deve evitar é a reflexão e a intervenção, considerando que a manutenção desses componentes negativos na escola pode se dar por diversas vias.

Há também o desconforto e o incômodo que sempre surgem quando se levantam discussões acerca da temática racial, e, nesse caso específico da escola, negar preconceitos e discriminações tem a ver, também, com afastar o risco de colocar em xeque a neutralidade da instituição escolar na reprodução de desigualdades.

Quando fatores de ordem racial são apontados como interferência no desempenho escolar, a resistência em reconhecer diferenças que dividem crianças negras e brancas se faz presente, porém, geralmente se aceita sem problemas a explicação de causas socioeconômicas, de estrutura familiar desfavorável e de motivações individuais das crianças.

Não é muito difícil encontrar professores e professoras que reconhecem a existência do preconceito e da discriminação racial em práticas do cotidiano, mas o terreno da escola, para alguns, é tido como um lugar onde tais práticas não deveriam acontecer, daí se minimiza ou se nega sua presença. A minimização costuma ocorrer com argumentos que apelam para as questões socioeconômicas como suporte e motivação para as práticas discriminatórias.

No entanto, deve-se ver com muita cautela a associação entre as vicissitudes da população negra e a pobreza, por exemplo, quando apresentadas para explicar a persistência do racismo em nossa sociedade. Esta associação pode ter como resultado uma operação de naturalizar o racismo, ocultando suas dinâmicas e mecanismos subjacentes, o que implica a todos nós.

A concepção de racismo como algo que é fruto da ignorância e que seria erradicado com a aquisição do conhecimento e da compreensão adquiridos com uma boa educação formal é bastante presente em nossa sociedade,

mas não é verdadeira. Caso fosse verdade, o racismo estaria automaticamente banido nas sociedades dos países ditos de Primeiro Mundo, onde boa parte da população tem alta escolaridade, os índices de analfabetismo são baixos e há maior acesso à cultura e à educação.

Por outro lado, associar o racismo à falta de educação formal é uma operação que coloca também a escola na participação da continuidade ou descontinuidade de práticas racistas, já que ela é uma instituição onde acontecem a transmissão de saberes, a circulação de ideologias e a reprodução dos conteúdos de disciplinas.

Se nas escolas verifica-se que a temática racial bem como a formação para lidar com situações preconceituosas e discriminatórias não são contempladas com a importância que possuem, parece haver um descompasso entre a missão da escola nessa questão específica e a manifestação do racismo no espaço escolar.

A instituição escolar ocupa hoje um lugar bastante importante e de muita expectativa em torno do que ela retornará para a sociedade. Não é alarmante que as crianças possam estar fora da escola por motivos que a própria escola poderia ter evitado e que deve tratar para que não se repitam?

Tão necessário quanto perceber as evidências que apontam a existência de preconceito e discriminação dentro das escolas é apreender como se dá sua manifestação no espaço e no rendimento escolares.

## Referências bibliográficas

ABRAMOVAY, M. e CASTRO, M. G. (Coords.). *Relações raciais na escola: reprodução de desigualdades em nome da igualdade*. Brasília: Unesco, Inep, Observatório de Violências nas Escolas, 2006.

ARRUDA, A. O ambiente natural e seus habitantes no imaginário brasileiro. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Representando a alteridade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CHAVES, A. M. A vida e o viver em um internato: o ponto de vista de um grupo de meninos residentes. In: LORDELO, E. R.; CARVALHO, A. M. A. e KOLLER, S. H. (Orgs.). *Infância brasileira e contextos de desenvolvimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo; Salvador, BA: EDUFBA, 2002.

COSTA, M. V. Currículo e políticas culturais. In: COSTA, M. V. (Org.). *O currículo nos limiares contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

CROCHIK, J. L. *Preconceito - Indivíduo e cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

LUZ, N. C. do P. Insurgência negra e a pedagogia do embranquecimento. FAGED / UFBA (Dissertação de mestrado). In: SILVA, A. C. da. *Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático*. Salvador, BA: EDUFBA, 2001.

NASCIMENTO, E. L. *O sortilégio da cor*. São Paulo: Summus, 2003.

OLIVEIRA, L. O. A. *Expressões de vivência da dimensão racial de pessoas brancas: representações de branquitude entre indivíduos brancos*. FFCH / UFBA (Dissertação de mestrado), 2007.

RAMOS, A. G. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Andes, 1957.

SAWAIA, B. B. Representação e ideologia – O encontro desfeticizador. In: SPINK, M. J. (Org.). *O conhecimento no cotidiano*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SILVA, A. C. da. *Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático*. Salvador, BA: EDUFBA.

SILVA, M. L e CORREIA, L. C. Auto-estima e educação. In: *Escola multirracional, popular e auto-estima* (cartilha). Uberaba, MG: CENEG – Centro Nacional de Cidadania Negra, 1998.

TADEI, E. M. A mestiçagem enquanto um dispositivo de poder e a constituição de nossa identidade nacional. *Psicologia, ciência e profissão*, 22 (4), 1-22, 2002.

TATUM, B. D. Interview with Beverly Daniel Tatum. In: *Race: the power of an illusion*, 2003. [http://www.pbs.org/race/000\\_About/002\\_04-background-03-04.htm](http://www.pbs.org/race/000_About/002_04-background-03-04.htm). Acessado em 21/12/2006.

## GLOSSÁRIO DA COLEÇÃO

**Auto-aceitação:** ato ou efeito de aceitar a si mesmo; acolhimento. Disposição de experimentar, acolher e assumir responsabilidades pelos próprios pensamentos, sentimentos e ações.

**Auto-estima:** sentimento amoroso que uma pessoa é capaz de nutrir por si mesma. Reconhecimento e valorização das próprias qualidades, potencialidades e atributos físicos e respeito às próprias imperfeições e limitações.

**Axé:** palavra de origem iorubá que significa força vital. Trata-se da força-ser que estrutura o universo. Em língua bantu: ntu.

**Casa-grande:** habitação senhorial, geralmente o centro de uma propriedade rural (engenho de açúcar, fazenda de café ou gado) em que habitavam o senhor proprietário, seus familiares e agregados.

**Discriminação positiva:** termo usado atualmente com a finalidade de reparar erros que foram secularmente cometidos e endossados pela sociedade. Exemplos: bancos diferenciados para idosos no transporte coletivo; cota mínima para mulheres nas representações de partidos políticos; cota mínima para indígenas e afro-descendentes nas instituições de ensino superior.

**Discriminação racial:** ato de discriminar uma pessoa tendo como base sua raça/cor da pele, com a intenção de preteri-la, ofendê-la, excluí-la ou inferiorizá-la. Pode ser um ato explícito, dirigido diretamente à pessoa-alvo, ou um ato camuflado.

**Discriminar:** separar com base em categorias. Por exemplo, ao criar a categoria cor, discrimina-se o azul do amarelo, do roxo, do preto, do cor-de-rosa. Ao criar a categoria som: discrimina-se o som alto do baixo, do agudo, do grave. A discriminação deixa de ser somente um ato de separação que visa organizar algo dentro de categorias inventadas pelos humanos quando é apoiada em valores por meio dos quais são estabelecidas hierarquias.

**Estereótipo:** clichê, rótulo, modelo rígido e anônimo, com base no qual são produzidos, de maneira automática, imagens ou comportamentos. Chavão repetido sem ser questionado. Parte de uma generalização apressada: toma-se como verdade universal algo que foi observado em um só indivíduo.

**Estigma:** refere-se a algum atributo ou qualidade de natureza depreciativa que se apresentam como verdadeiros, mas que de fato foram forjados nas relações sociais, geralmente num contexto de disputa ou competição. Por isso, o estigma, quer individualmente ou socialmente, pode ser usado, por exemplo, como instrumento para justificar a exclusão de uma pessoa ou grupo da participação efetiva na sociedade.

**Flexibilidade:** qualidade de flexível, elasticidade; capacidade dos indivíduos de enfrentarem as mudanças sem apegos inadequados ao passado e sem dificuldades para lidar com o que é novo.

**Identidade:** produto dos papéis sociais que o sujeito assume em suas relações sociais; sentimento que uma pessoa tem de possuir continuidade, como distinguível de todas as outras. “Os termos ‘identidade’ e ‘subjetividade’ são, às vezes, utilizados de forma intercambiável. Existe, na verdade, uma considerável sobreposição entre os dois. ‘Subjetividade’ sugere a compreensão que temos sobre o nosso eu. O termo envolve os pensamentos e as emoções conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções sobre ‘quem somos’. (...) As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades” (Kathryn Woodward).

**Identificação:** processo psicológico pelo qual um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro, e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações.

**Personalidade:** organização constituída por todas as características cognitivas, afetivas e físicas de um indivíduo; o elemento estável da conduta de uma pessoa; sua maneira habitual de ser, aquilo que a distingue de outra.

**Preconceito:** “é um juízo preestabelecido, baseado em mera crença ou opinião que formamos sem conhecer devidamente a realidade sobre a qual nos manifestamos. Portanto, pré-conceito significa ‘conceito prévio’, formulado sem o cuidado de permitir que os fatos sejam investigados e possam contrariar nossos julgamentos ou opiniões” (Renato Queiroz). “O preconceito é entendido, em geral, como uma atitude hostil em relação a um grupo de indivíduos considerados inferiores sob determinados aspectos – morais, cognitivos, estéticos – em relação ao grupo ao qual o preconceituoso pertence ou almeja pertencer” (José Leon Crochik).

**Preconceito racial:** concepção sem exame crítico, formada a priori, transmitida culturalmente de geração em geração. Caracteriza-se por idéias assumidas com propriedade, sem reflexão sobre sua racionalidade e sobre a consequência de aderir ou não a elas.

**Psique:** a alma, o espírito, a mente.

**Psiquismo:** conjunto de fenômenos ou de processos mentais conscientes ou inconscientes de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos.

**Racismo:** explicação criada, no século XIX, para justificar a ação política de discriminação, segregação, exclusão e eliminação baseada na idéia de que existem raças humanas com características determinadas e imutáveis, atribuídas a todos os indivíduos pertencentes a este grupo e transmitidas hereditariamente. A cada raça biológica corresponderiam também traços de cultura, valores, ciências, de modo que as “raças” mais evoluídas deveriam dominar e comandar as menos evoluídas, para o bem da própria humanidade. O racismo é uma ideologia ou forma de dominação que explica e justifica que essas supostas raças superiores dominem ou eliminem as consideradas inferiores.

**Senzala:** espaço, na casa-grande ou sobrado senhorial, reservado ao abrigo dos escravos. Geralmente de uma só porta e sem janelas para evitar fugas. Lugar insalubre onde se prendiam homens e mulheres de todas as idades. Na origem (Angola), significava “residência familiar”.

**Subjetividade:** dimensão do ser humano que está para além dele, não se restringindo a uma essência interna. É constituída pelos níveis individual e social; é histórica, construída e se desenvolve nos processos das relações sociais dentro das culturas onde as pessoas vivem.

**Quilombo:** na origem (Angola), significa acampamento e, por extensão, os locais onde se reuniam os prisioneiros destinados à escravidão antes de serem embarcados nos tumbeiros. No Brasil, desde a Colônia, ganhou nova conotação a partir do momento em que o refúgio/acampamento de escravos fugidos passou a ser identificado para combate e desmantelamento. A palavra mocambo também é utilizada com o mesmo significado, embora na origem (quicongo) designe telhado de habitação miserável.

**Valores civilizatórios africanos:** no Brasil existem valores originários da matriz africana que constituem elementos fundadores de nossa cultura: solidariedade, sociabilidade, hospitalidade, gestualidade, musicalidade.







A coleção *Percepções da Diferença. Negros e Brancos na Escola* é composta pelos seguintes volumes:

**1. Percepções da diferença.**

Autora: Gislene Aparecida dos Santos

**2. Maternagem. Quando o bebê pelo colo.**

Autoras: Maria Aparecida Miranda e Marilza de Souza Martins

**3. Moreninho, neguinho, pretinho.**

Autor: Cuti

**4. Cabelo bom. Cabelo ruim.**

Autora: Rosângela Malachias

**5. Professora, não quero brincar com aquela negrinha!**

Autoras: Roseli Figueiredo Martins e Maria Letícia Puglisi Munhoz

**6. Por que riem da África?**

Autora: Dilma Melo Silva

**7. Tímidos ou indisciplinados?**

Autor: Lúcio Oliveira

**8. Professora, existem santos negros? Histórias de identidade religiosa negra.**

Autora: Antônia Aparecida Quintão

**9. Brincando e ouvindo histórias.**

Autora: Sandra Santos

**10. Eles têm a cara preta!**

Vários autores

ISBN 978-85-296-0082-6 (Obra completa)

ISBN 978-85-296-0083-3 (Vol. 1)